

Feira de versos

poesia de cordel

Esta apostila contém: Biografias dos autores, informações sobre métrica e rima e síntese dos enredos das histórias.



LEANDRO GOMES DE BARROS

O paraibano Leandro Gomes de Barros, pioneiro na publicação de folhetos rimados, é autor de uma obra vastíssima e da mais alta qualidade, o que lhe confere, sem exageros, o título de poeta maior da Literatura de Cordel. Nascido em Pombal-PB, em 19 de novembro de 1865, faleceu no Recife-PE, em 04 de março de 1918, deixando um legado cerca de mil folhetos escritos, embora centro cultural algum registre tal façanha.

Foi, porém, o maior editor antes de João Martins de Athayde, que o sucedeu. O vigoroso programa editorial de Leandro levou a Literatura de cordel às mais distantes regiões, graças ao bem sucedido projeto de redistribuição através dos chamados agentes.

O Cavalo que Defecava dinheiro
Casamento e divórcio da Lagartixa

JOÃO MELQUIADES FERREIRA DA SILVA

João Melchíades Ferreira da Silva nasceu em Bananeiras-PB aos 7 de setembro de 1869 e faleceu em João Pessoa-PB, no dia 10 de dezembro de 1933. Foi sargento do exército. Combateu na Guerra de Canudos e na questão do Acre. É autor do primeiro folheto sobre Antônio Conselheiro e de mais de 20 folhetos, dos quais destacamos "ROMANCE DO PAVÃO MYSTERIOZO", "COMBATE DE JOSÉ COLATINO COM CARRANCA DO PIAUÍ", "ROLDÃO NO LEÃO DE OURO", "HISTÓRIA DO VALENTE ZÉ GARCIA" e "A GUERRA DE CANUDOS".
Fonte: Academia Brasileira de Literatura de cordel Romance do Pavão Misterioso

PATATIVA DO ASSARÉ

"Eu, Antônio Gonçalves da Silva, filho de Pedro Gonçalves da Silva, e de Maria Pereira da Silva, nasci aqui a 5 de março de 1909, no Sítio denominado Serra de Santana, que dista três

léguas da cidade de Assaré. Com a idade de doze anos, freqüentei uma escola muito atrasada, na qual passei quatro meses, porém sem interromper muito o trabalho de agricultor.

Saí da escola lendo o segundo livro de Felisberto de Carvalho e daquele tempo para cá não freqüentei mais escola nenhuma. Com 16 anos de idade, comprei uma viola e comecei a cantar de improviso, pois naquele tempo eu já improvisava, glosando os motes que os interessados me apresentavam. Nunca quis fazer profissão de minha musa, sempre tenho cantado, glosado e recitado, quando alguém me convida para este fim."

Filho de gato é gatinho
Vicença e Sofia ou O Castigo de Mamãe
O bicho mais feroz
Bertulino e Zé Tingó
O boi zebu e as formigas
A realidade da vida
Aposentadoria do Mane do Riachão

Instruções sobre o cordel

- 01 - O início
- 02 - Parcela ou Verso de quatro sílabas
- 03 - Verso de cinco sílabas
- 04 - Estrofes de quatro versos de sete sílabas
- 05 - Sextilhas
- 06 - Setilhas
- 07 - Oito pés de quadrão ou Oitavas
- 08 - Décimas
- 09 - Martelo Agalopado
- 10 - Galope à Beira Mar
- 11 - Meia Quadra

Estas e outras informações sobre as métricas do cordel podem ser encontradas no livro Vertentes e Evolução da Literatura de Cordel.

01 - O início

A evolução da literatura de cordel no Brasil não ocorreu de maneira harmoniosa. A oral, precursora da escrita, engatinhou penosamente em busca de forma estrutural. Os primeiros repentistas não tinham qualquer compromisso com a métrica e muito menos com o número de versos para compor as estrofes. Alguns versos alongavam-se inaceitavelmente, outros, demasiado breves. Todavia, o interlocutor respondia rimando a última palavra do seu verso com a última do parceiro, mais ou menos assim:

Repentista A - O cantor que pegá-lo de revés
Com o talento que tenho no meu braço...

APOIO CULTURAL:

Repentista B - Dou-lhe tanto que deixo num
bagaço
Só de murro, de soco e ponta-pés.

02 - Parcela ou Verso de quatro sílabas
A parcela ou verso de quatro sílabas é o mais curto
conhecido na literatura de cordel. A própria palavra
não pode ser longa do contrário ela sozinha
ultrapassaria os limites da métrica e o verso sairia
de pé quebrado. A literatura de cordel por ser lida
e ou cantada é muito exigente com questão da
métrica. Vejamos uma estrofe de versos de quatro
sílabas, ou parcela.

Eu sou judeu
para o duelo
cantar martelo
queria eu
o pau bateu
subiu poeira
aqui na feira
não fica gente
queimo a semente
da bananeira.

Quando os repentistas cantavam parcela (sim,
cantavam, porque esta modalidade caiu em
desuso), os versos brotavam numa seqüência
alucinante, cada um querendo confundir mais
rapida mente o oponente. Esta modalidade é pre-
galdiniana, não se conhecendo seu autor.

03 - Verso de cinco sílabas
Já a parcela de cinco sílabas é mais recente, e não
há registro de sua presença antes de Firmino
Teixeira do Amaral, cunhado de Aderaldo Ferreira
de Araújo, o Cego Aderaldo. A parcela de cinco
sílabas era cantada também em ritmo acelerado,
exigindo do repentista, grande rapidez de
raciocínio. Na peleja do Cego Aderaldo com Zé
Pretinho do Tucum, da autoria de Firmino Teixeira
do Amaral, encontramos estas estrofes:

Pretinho:
no sertão eu peguei
um cego malcriado
danei-lhe o machado
caiu, eu sangrei
o couro tirei
em regra de escala
espichei numa sala
puxei para um beco
depois dele seco
fiz dele uma mala

Cego:

Negro, és monturo
Molambo rasgado
Cachimbo apagado
Recanto de muro
Negro sem futuro
Perna de tição
Boca de porão
Beijo de gamela
Venta de moela
Moleque ladrão

Estas modalidades, entretanto, não foram as
primeiras na literatura de cordel. Ao contrário, ela
vieram quase um século depois das primeiras
manifestações mais rudimentares que permitiram,
inicialmente, as estrofes de quatro versos de sete
sílabas.

04 - Estrofes de quatro versos de sete sílabas
O Mergulhão quando canta
Incha a veia do pescoço
Parece um cachorro velho
Quando está roendo osso.

Não tenho medo do homem
Nem do ronco que ele tem
Um besouro também ronca
Vou olhar não é ninguém

A evolução desta modalidade se deu naturalmente.
Vejamos a última estrofe de quatro versos
acrescida de mais dois, formando a nossa atual e
definitiva sextilha:

Meu avô tinha um ditado
meu pai dizia também:
não tenho medo do homem
nem do ronco que ele tem
um besouro também ronca
vou olhar não é ninguém.



05 - Sextilhas
Agora, de posse da técnica
de fazer sextilhas, e uma
vez consagradas pelos
autores, esta modalidade
passou a ser a mais
indicada para os longos
poemas romanceados,
principalmente a do
exemplo acima, com o segundo, o quarto e o sexto
versos rimando entre si, deixando órfãos o
primeiro, terceiro e quinto versos. É a modalidade
mais rica, obrigatória no início de qualquer
combate poético, nas longas narrativas e nos

APOIO CULTURAL:

folhetos de época. Também muito usadas nas sátiras políticas e sociais. É uma modalidade que apresenta nada menos de cinco estilos: aberto, fechado, solto, corrido e desencontrado. Vamos, pois, aos cinco exemplos:

Aberto:

Felicidade, és um sol
dourando a manhã da vida,
és como um pingo de orvalho
molhando a flor ressequida
és a esperança fagueira
da mocidade florida.

Fechado:

Da inspiração mais pura,
no mais luminoso dia,
porque cordel é cultura
nasceu nossa Academia
o céu da literatura,
a casa da poesia.

Solto:

Não sou rico nem sou pobre
não sou velho nem sou moço
não sou ouro nem sou cobre
sou feito de carne e osso
sou ligeiro como o gato
corro mais do que o vento.

Corrido:

Sou poeta repentista
Foi Deus quem me fez artista
Ninguém toma o meu fadário
O meu valor é antigo
Morrendo eu levo comigo
E ninguém faz inventário

Desencontrado:

Meu pai foi homem de bem
Honesto e trabalhador
Nunca negou um favor
Ao semelhante, também
Nunca falou de ninguém
Era um homem de valor.

06 - Setilhas

Uma prova de que as setilhas são uma modalidade relativamente recente está na ausência quase completa delas na grande produção de Leandro Gomes de Barros. Sim, porque pela beleza rítmica que essas estrofes oferecem ao declamador, os grandes poetas não conseguiram fugir à tentação de produzi-las. Para alguns, as setilhas, estrofes de sete versos de sete sílabas, foram criadas por José Galdino da Silva Duda, 1866 - 1931. A verdade é

que o autor mais rico nessas composições, talvez por se tratar do maior humorista da literatura, de cordel, foi José Pacheco da Rocha, 1890 - 1954. No poema A CHEGADA DE LAMPIÃO NO INFERNO, do inventivo poeta pernambucano, encontram estas estrofes:

Vamos tratar da chegada
quando Lampião bateu
um moleque ainda moço
no portão apareceu.

- Quem é você, Cavalheiro -
- Moleque, sou cangaceiro -
Lampião lhe respondeu.

- Não senhor - Satanás, disse
vá dizer que vá embora
só me chega gente ruim
eu ando muito caipora
e já estou com vontade
de mandar mais da metade
dos que tem aqui pra fora.

Moleque não, sou vigia
e não sou o seu parceiro
e você aqui não entra
sem dizer quem é primeiro
- Moleque, abra o portão
saiba que sou Lampião
assombro do mundo inteiro.

Excelente para ser cantada nas reuniões festivas ou nas feiras, esta modalidade é, ainda hoje, muito usada pelos cordelistas. Esta modalidade é, também, usada em vários estilos de mourão, que pode ser cantado em seis, sete, oito e dez versos de sete sílabas. Exemplos:

Cantador A

- Eu sou maior do que Deus
maior do que Deus eu sou

Cantador B

- Você diz que não se engana
mas agora se enganou

Cantador A

- Eu não estou enganado
eu sou maior no pecado
porque Deus nunca pecou.

Ou com todos os versos rimados, a exemplo das sextilhas explicadas antes:

Cantador A -

Este verso não é seu

APOIO CULTURAL:

você tomou emprestado

Cantador B -
Não reclame o verso meu
que é certo e metrificado

Cantador A -
Esse verso é de Noberto
Se fosse seu estava certo
como não é está errado.

07 - Oito pés de quadrão ou Oitavas
Os oito pés de quadrão, ou simplesmente oitavas, são estrofes de oito versos de sete sílabas. A diferença dessas estrofes de cunho popular para as de linha clássica é apenas a disposição das rimas. Vejam como o primeiro e o quinto versos desta oitava de Casimiro de Abreu (1837 - 1860) são órfãos:

Como são belos os dias
Do despontar da existência
- Respira a alma inocência
Como perfumes a flor;
O mar - é lago sereno,
O Céu - Um manto azulado,
O mundo - um sonho dourado,
A vida um hino de amor.

Na estrofe popular aparecem os primeiros três versos rimados entre si; também o quinto, o sexto e o sétimo, e finalmente o quarto com o último, não havendo, portanto um único verso órfão. Assim:

Diga Deus Onipotente
Se é você, realmente
Que autoriza, que consente
No meu sertão tanta dor
Se o povo imerso no lodo
apregoa com denodo
que seu coração é todo
De luz, de paz e de amor.

08 - Décimas
As décimas, dez versos de sete sílabas, são, desde sua criação no limiar do nosso século, as mais usadas pelos poetas de bancada e pelos repentistas. Excelentes para glosar motes, esta modalidade só perde para as sextilhas, especialmente escolhidas para narrativas de longo fôlego. Ainda assim, entre muitos exemplos, as décimas foram escolhidas por Leandro Gomes de Barros para compor o longo poema épico de cavalaria A BATALHA DE OLIVEIROS COM

FERRABRAZ, baseado na obra do imperador francês Carlos Magno:

Eram doze cavaleiros
Homens muito valorosos
Destemidos, corajosos
Entre todos os Guerreiros
Como bem fosse Oliveiros
um dos pares de fiança
Que sua perseverança
Venceu todos os infieis
Eram uns leões cruéis
Os doze pares de França.

09 - Martelo Agalopado
O Martelo agalopado, estrofe dez versos de dez sílabas, é uma das modalidades mais antigas na literatura de cordel. Criada pelo professor Jaime Pedro Martelo (1665 - 1727), as martelianas não tinham, como o nosso martelo agalopado, compromisso com o número de versos para a composição das estrofes. Alongava-se com rimas pares, até completar o sentido desejado. Como exemplo, vejamos estes alexandrinos

"Visitando Deus a Adão no Paraíso
achou-o triste por viver no abandono,
fê-lo dormir logo um pesado sono
e lhe arrancou uma costela, de improviso
estando fresca ficou Deus indeciso
e a pôs ao Sol para secar um momento
mas por causa, talvez dum esquecimento
chegou um cachorro e a carregou,
nessa hora furioso Deus ficou
com a grande ousadia do animal
que lhe furtara o bom material
feito para a construção da mulher,
estou certo, acredite quem quiser
eu não sou mentiroso nem vilão,
nessa hora correu Deus atrás do cão
e não podendo alcançar-lhe e dá-lhe cabo
cortou-lhe simplesmente o meio rabo
e enquanto Adão estava na trevas
Deus pegou o rabo do cão e fez a Eva."

Com tamanha irresponsabilidade, totalmente inaceitável na literatura de cordel, o estilo mergulhou, desde o desaparecimento do professor Jaime Pedro Martelo em 1727, em completo esquecimento, até que em 1898, José Galdino da Silva Duda dava à luz feição definitiva ao nosso atual martelo agalopado, tão querido quanto lindo. Pedro Bandeira não nos deixa mentir:

Admiro demais o ser humano
que é gerado num ventre feminino

APOIO CULTURAL:

envolvido nas dobras do destino
e calibrado nas leis do Soberano
quando faltam três meses para um ano
a mãe pega a sentir uma moleza
entre gritos lamúrias e esperteza
nasce o homem e aos poucos vai crescendo
e quando aprende a falar já é dizendo:
quanto é grande o poder da Natureza.

Há, também, o martelo de seis versos, como sempre, refinado, conforme veremos nesta estrofe:

Tenho agora um martelo de dez quinas
fabricado por mãos misteriosas
enfeitado de pedras cristalinas
das mais raras, bastante preciosas,
foi achado nas águas saturninas
pelas musas do céu, filhas ditosas.

10 - Galope à Beira Mar

Com versos de onze sílabas, portanto mais longos do que os de martelo agalopado, são os de galope à beira mar, como estes da autoria de Joaquim Filho:

Falei do sopapo das águas barrentas
de uma cigana de corpo bem feito
da Lua, bonita brilhando no leito
da escuridão das nuvens cinzentas
do eco do grande furor das tormentas
da água da chuva que vem pra molhar
do baile das ondas, que lindo bailar
da areia branca, da cor de cambraia
da bela paisagem na beira da praia
assim é galope na beira do mar.

Logicamente que há o galope alagoano, à feição de martelo agalopado, com dez versos de dez sílabas cuja diferença única é a obrigatoriedade do mote: "Nos dez pés de galope alagoano".

11 - Meia Quadra

Outra interessante modalidade é a Meia Quadra ou versos de quinze sílabas. Não sabemos porque se convencionou chamar de meia quadra, quando poderia, muito bem, se chamar de quadra e meia ou até de quadra dupla. As rimas são emparelhadas e os versos, assim compostos:

Quando eu disser dado é dedo você diga dedo é dado
Quando eu disser gado é boi você diga boi é gado
Quando eu disser lado é banda você diga banda é lado

Quando eu disser pão é massa você diga massa é pão

Quando eu disser não é sim você diga sim é não
Quando eu disser veia é sangue você diga sangue é veia
Quando eu disser meia quadra você diga quadra e meia
Quando eu disser quadra e meia você diga meio quadrão.

A classificação da literatura de cordel há sido objeto da preocupação dos chamados iniciados, pesquisadores e estudiosos. As classificações mais conhecidas são a francesa de Robert Mandrou, a espanhola de Julio Caro Baroja, as brasileiras de Ariano Suassuna, Cavalcanti Proença, Orígenes Lessa, Roberto Câmara Benjamin e Carlos Alberto Azevedo. Mas a classificação autenticamente popular nasceu da boca dos próprios poetas.

No limiar do presente século, quando já brilhava intensamente à luz de Leandro Gomes de Barros, fluía abundante o estro de Silvino Pirauá e jorrava preciosa a veia poética de José Galdino da Silva Duda. Esses enviados especiais passaram a dominar com facilidade a rima escorregadia, amoldando, também, no corpo da estrofe o verso rebelde. Era o início de uma literatura tipicamente nordestina e por extensão, brasileira, não havendo mais, nos nossos dias, qualquer vestígio da herança peninsular.

Atualmente a literatura de cordel é escrita em composições que vão desde os versos de quatro ou cinco sílabas ao grande alexandrino. Até mesmo os princípios conservadores defendidos pelos nossos autores ortodoxos referem-se a uma tradição brasileira e não portuguesa ou espanhola. Os textos dos autores contemporâneos apresentam um cuidado especial com a uniformização ortográfica, com o primor das rimas, com a beleza rítmica e com a preciosidade sonora.

VERSO, ESTROFE & RIMAS

Conceitos importantes

1. verso: cada linha de um poema. Os versos são classificados de acordo com o número de sílabas poéticas que possuem: monossílabo, dissílabo, trissílabo, tetrassílabo, pentassílabo ou redondilha menor, hexassílabo, heptassílabo ou redondilha maior, octossílabo, eneassílabo, decassílabo, hendecassílabo, dodecassílabo ou alexandrino e verso bárbaro (verso com mais de doze sílabas poéticas).

APOIO CULTURAL:

2. estrofe: agrupamento de versos. Elas podem ser classificadas quanto ao número de versos em: monóstico, dístico, terceto, quarteto ou quadra, quintilha, sextilha, septilha, oitava, nona, décima.
3. refrão ou estribilho: são versos que se repetem no final das estrofes.
4. ritmo: é a sucessão de sons fortes (sílabas tônicas) e sons fracos (sílabas átonas), repetidos com intervalos regulares ou variados. Num texto em prosa, as pausas são dadas por sinais de pontuação; num poema, as pausas existem não necessariamente através dos sinais de pontuação. As pausas provocam melodia e o ritmo é determinado por elas e pela seqüência de sons.
5. metro: é a medida do verso.
6. metrificação: é o estudo da medida dos versos, é a contagem de sílabas poéticas.
7. encadeamento: quando um verso não finaliza juntamente com um segmento sintático, ocorre o encadeamento ou enjambement, que é a continuação do sentido de um verso no verso seguinte. Veja:
"E entra a saudade...Fiquei como assombrado e sem voz!" (Teixeira de Pascoares)
8. rima: rima é a semelhança de sons que ocorre no final dos versos, embora possa ocorrer também no meio do verso (rima interna)
9. verso branco: é o verso que não tem rima

Classificação das rimas

- a) quanto às combinações:
 - Ø rimas emparelhadas: AABB
 - Ø rimas alternadas ou cruzadas: ABAB
 - Ø rimas interpoladas ou opostas: ABBA
 - Ø rimas mistas: apresentam outros tipos de combinações ABACD
- b) quanto ao acento tônico:
 - Ø rimas agudas ou masculinas: rimam-se palavras oxítonas ou monossílabos tônicos
 - Ø rimas graves ou femininas: rimam-se palavras paroxítonas
 - Ø rimas esdrúxulas: rimam-se as proparoxítonas
- c) quanto à coincidência de sons:
 - Ø rima perfeita, soante ou consoante: há correspondência completa de sons.
Tinha um berço pequenino
E uma criada velha com seu terço
Cresci de mais, como o destino!
Cresci de mais para o meu berço. (José Régio)
 - Ø rima imperfeita toante ou assoante: não há correspondência completa de sons.

Ó meu ódio, meu ódio majestoso
Meu ódio santo e puro e benfazejo
Unge-me a fonte com teu grande beijo,
Torna-me humilde e torna-me orgulhoso. (Cruz e Sousa)

- d) quanto ao valor:
 - Ø rima pobre; palavras de mesma classe gramatical
 - Ø rima rica: classes gramaticais diferentes
 - Ø rima rara: obtida entre palavras de poucas rimas possíveis (escura/urdidura)
 - Ø rima preciosa: rimas artificiais aparecem com pouca freqüência (desposar-te / aparte)

Nota importante:

Este material foi disponibilizado graças a uma parceria entre o site [Orla de Atalaia](http://Orla.de.Atalaia), a professora de Redação [Adélia Mota](http://Adelia.Mota) (síntese dos enredos) e o professor Wagner Lemos (informações sobre o cordel).

1) O cavalo que defecava dinheiro - Autor: Leandro Gomes de Barros.

Estrutura: Estrofes: sextilhas - Versos-heptassílabos (sete sílabas métricas) ou redondilha maior.

Rimas nos versos pares e versos brancos (com métrica/sem rima) nos ímpares.

Enredo: O cordel tem por base as oposições – rico X pobre, burrice X inteligência. A história acontece em uma cidade chamada Macaé, tendo por personagens principais um rico duque invejoso e seu compadre pobre. Como se percebe após a leitura do cordel, a única arma que o pobre tem contra seu destino é a esperteza, portanto, o cordel é o acúmulo de mentiras contadas para tirar proveito do duque rico. As mentiras dão ordem ao enredo da história. A primeira é a de que o cavalo magro do pobre defecava dinheiro. Sabendo disso, o rico prontamente quer comprá-lo. Após descobrir que não havia dinheiro, o duque vai reclamar com o compadre. O pobre inventa a segunda mentira. Diz que tem uma rabeca que ressuscita mortos. O duque esquece-se do cavalo e compra o instrumento supostamente mágico. Ao chegar em casa, o duque ouve as reclamações de sua mulher e após uma discussão dá punhaladas na esposa. Toca a rabeca para a mulher levantar, mas nada. Quando o duque percebeu que caiu em mais uma armadilha do compadre pobre, chama dois

APOIO CULTURAL:

capangas com a ordem de colocar o pobre em um surrão, um tipo de saco, e jogá-lo de um rochedo no mar.

O pobre entrou no surrão, pois não havia jeito de escapar. Os capangas pararam durante a viagem para tomar uma bebida. Enquanto isso, o pobre gritava que não queria casar-se. O leitor só entende o que está acontecendo quando um boiadeiro se aproxima e diz que vai trocar de lugar com ele para casar-se com a tal moça rica. O boiadeiro, portanto, assume o lugar do pobre no surrão e morre. Nesse tempo o compadre pobre, de posse dos bens do boiadeiro, vai negociar e volta com cara de prosperidade. O rico cheio de espanto, primeiro por ver o pobre vivo, depois por vê-lo rico, quer saber o que aconteceu. O compadre pobre conta ao duque que no lugar onde foi jogado havia uma fortuna. Se precisasse de mais entraria no surrão, rolaria até lá e encher-se-ia de dinheiro. O duque fez como o pobre orientara e mandou que seus capangas o jogassem no mesmo lugar que jogaram o pobre. É claro que o rico morreu.

Moral: "todo homem ambicioso nunca pode viver bem"

1) Casamento e divórcio da Lagartixa. Autor: Leandro Gomes de Barros

Estrutura: Estrofes: sextilhas - Versos heptassílabos (sete sílabas métricas) ou redondilha maior. Rimas nos versos pares e versos brancos (com métrica/sem rima) nos ímpares.

Enredo:

O cordel é uma fábula, ou seja, uma narrativa curta que tem, entre os seus personagens, animais que agem como seres humanos. A intenção desse tipo de texto é transmitir valores e fazer questionamentos morais. Há, portanto, uma figura de linguagem chamada prosopopéia ou personificação. O início do cordel mostra a Lagartixa à procura de um pretendente, pois não quer "ficar para tia". Ela encontra o Calango que, após um namoro caloroso, foge para não se casar. Depois, arrepende-se e assume a Lagartixa.

Após voltar de uma de suas viagens de negócio, o Calango descobre que a Lagartixa vendeu tudo que ele tinha. Foi reclamar com a mulher, no entanto ela nem ligou. Disse apenas que não desejava viver ao lado de alguém que a forçasse a passar necessidades. Vem aí a proposta de divórcio. Ao perceber que o marido não queria se separar, a Lagartixa diz que honra não é nada e conta que, antes do casamento, "andava aos abraços com seu primo Papa-vento."

Sentindo-se traído, o Calango desafia o primo para um duelo. Na hora marcada, há uma reviravolta na história, pois aparece um gato que come o Calango e uma Seriema de devora a Lagartixa.

3) O Romance do Pavão Misterioso - Autor: João Melquíades Ferreira da Silva.

Estrutura: Estrofes: sextilhas - Versos heptassílabos (sete sílabas métricas) ou redondilha maior.

Rimas nos versos pares e versos brancos (com métrica/sem rima) nos ímpares.

Enredo:

O cordel conta a história de amor entre João Evangelista e Creusa, uma condessa da Grécia. Tudo começa com uma foto que João Batista trouxe para o irmão mais novo. Era a foto de Creusa, uma moça bela que vivia em cárcere, pois seu pai não consentia que ela tivesse contato com pessoas estranhas. Evangelista, prontamente, apaixonou-se pela condessa e resolve ir procurá-la. Ele espera para vê-la no único dia em que a condessa sai para passear. Como não consegue falar com ela, resolve contratar os trabalhos de um célebre engenheiro, Edmundo, para construir algo que pudesse facilitar a comunicação entre ele e Creusa. O engenheiro constrói uma máquina de voar, o pavão misterioso. Evangelista passa então a visitar constantemente Creusa, mas ela não sabe ao certo se o rapaz é gente ou um fantasma. Na dúvida, conta ao pai o que se passa, o conde convence a filha a passar uma banha amarela na cabeça de Evangelista. O pai da moça tinha por intenção, a partir dessa pista, prender o rapaz. Creusa, nos primeiros instantes, não entende bem o pedido do pai, entretanto, executa-o. O conde, então, manda seus soldados procurem um homem com o cabelo amarelo.

Preso, Evangelista pede aos soldados para trocar de roupa. Esse é o pretexto para entrar no pavão misterioso e fugir. Creusa, ao perceber que fizera parte de uma trama, fica arrependida. Quando Evangelista vem visitá-la novamente, ela pede ao rapaz que a leve embora e os dois fogem para a Turquia.

O conde, pai da moça, ao ver que a filha fugira, adoeceu e morreu. Pouco tempo após o casamento, chegou uma correspondência, na qual a mãe de Creusa informava sobre a morte de seu marido. Creusa e Evangelista resolvem voltar a Atenas.

APOIO CULTURAL:

4) Filho de gato é gatinho (Patativa do Assaré)

Estrutura: Estrofes: quartetos - Versos-decassílabos (10 sílabas métricas) Rimas: alternadas ou cruzadas.

Enredo: Ao descobrir que nasceria um bebê, um casal de ladrões resolve roubar com mais sagacidade. A intenção é esconder da criança a profissão dos pais. Quando a filha nasce, a mãe pensa que a menina tem um defeito físico, pois sua mão está fechada. Qual não foi a surpresa da ladra ao ver, na mão do bebê, a aliança da parteira. O título do cordel citado dialoga com o ditado popular *filho de peixe, peixinho é*. Portanto, apesar da preocupação dos pais, a criança, desde seus primeiros momentos de vida, demonstrou talento nato para o furto.

5) Vicença e Sofia ou o castigo de mamãe. (Patativa do Assaré)

Estrutura: Estrofes: décimas - Versos-heptassílabos (sete sílabas métricas) ou redondilha maior.

Enredo: O cordel fala sobre o preconceito racial. Nele Romeu se apaixona por Vicença, uma mulher, segundo o cordel, "preta da cô de carvão". A família do rapaz não concorda com o casamento e promete deserdá-lo, se ele insistir em unir-se a Vivença. Quando a mãe de Romeu começa a descrever a moça com características depreciativas, ele, prontamente, vem em defesa da namorada. Para o rapaz, o importante seria que a companheira pudesse ajudá-lo, fazer comida, café e, além disso, zelar por ele.

Algum tempo depois, o irmão de Romeu, José, casa-se com Sofia, "a mulher mais bonita que havia naquelas banda de lá". Desta vez, a família apoiou e o casamento foi uma festividade. Com o passar do tempo, Sofia foi se mostrando. "O que tinha de formosa / tinha também de manhosa./ Dos trabaio de cozinha / ela não sabia nada.(...)". Como não bastasse, Sofia "tava naquelas andada/ botando chifre em José". O castigo da mamãe foi, portanto, flagrar sua querida nora traindo o marido. Depois desse dia, a mãe de Romeu pediu desculpas. "Pra ela, hoje a Vivença/ é nora, filha e amiga."

6) O bicho mais feroz (Patativa do Assaré)

Estrutura: Estrofes: décimas/ quartetos/ oitavas/ sextilhas - Versos- decassílabos.

Enredo: Um dia Tonho diz a esposa, Solidade, que teve um sonho, no qual um cachorro o mordida. Sendo assim, naquele dia não iria trabalhar. A

mulher, dizendo que tudo aquilo era bobagem, consegue convencê-lo a ir à roça.

Tudo aconteceu conforme o sonho. Tonho foi mordido. A única diferença da premonição estava no animal que o atacou que não era um cão. Quando questionado sobre qual seria o bicho mais feroz do mundo, Tonho respondia prontamente: "- Pode crer,(...), não há um tão feroz como a raposa.

7) Bertulino e Zé Tingó. (Patativa do Assaré)

Estrutura: Estrofes: décimas - Versos-heptassílabos (sete sílabas métricas) ou redondilha maior.

Enredo: O cordel é um diálogo entre dois amigos. Uma pergunta dá origem à conversa: "Qual é a coisa maió do mundo"? (versos 19-20). É durante a argumentação que se descobre o posicionamento de cada personagem. No cordel, há uma argumentação sobre a sinceridade dos sentimentos femininos. A defesa da mulher é feita por Bertulino. Enquanto isso, Zé Tingó associa algumas atitudes a uma caracterização negativa da mulher.

8) O boi zebu e as formigas (Patativa do Assaré)

Estrutura: Estrofes: décimas - Versos-heptassílabos (7 sílabas métricas)ou redondilha maior.

Enredo: Um boi zebu resolve descansar à sombra de um juazeiro. Só não sabia que pisara em um formigueiro. Zangadas, as formiguinhas resolvem expulsar o boi. Apesar do tamanho e força que o animal tinha, unidas, as formigas conseguiram expulsá-lo de cima do formigueiro. Há, no final do cordel, comparações: boi zebu= homens do poder / formigas= povo.

9)A realidade da vida (Patativa do Assaré)

Estrutura: Estrofes: décimas - Versos-heptassílabos (7 sílabas métricas)ou redondilha maior.

Enredo: Esse cordel tem por ponto central a distribuição dos anos de vida dos seres. Aparecem na história quatro seres: o burro, o cachorro, o macaco e o homem. Usando por recurso a figura de linguagem prosopopéia ou personificação, aparecem as argumentações feitas pelos animais. Todos pedem a Deus a diminuição dos anos de vida, pois, segundo eles, terão muitos sofrimentos. Deus, com pena, aceita as súplicas. O burro e o cachorro ficam com dez anos. O macaco ficou com vinte anos de vida.

APOIO CULTURAL:

Chega, então, a vez de Deus conversar com o homem, entregando-lhe o mundo para governar. O Criador deu trinta anos para o homem. Ele, no entanto, não se conformou, pois achava que era pouco tempo. Pediu, então, os anos que os animais rejeitaram. Deus concede a graça, entretanto, adverte-o. O homem terá que cumprir o destino dos outros animais. Até os trinta, o homem vive a idade que Deus lhe deu. Dos trinta até cinquenta, será como o burro, trabalhando arduamente. Dos cinquenta até sessenta, será como o cachorro, “botando sentido à casa.” Dos sessenta até setenta, cumprirá o destino do macaco, “fazendo graça e carinho”.

**10) Aposentadoria de Mané do Riachão.
(Patativa do Assaré)**

Estrutura: Estrofes: décimas - Versos-heptassílabos (sete sílabas métricas) ou redondilha maior.

Enredo: Mané tem uma visão extremamente pessimista de seu destino, afinal uma cigana disse que ele nasceu “de trevesa”. Após trabalhar de sol a sol, cansado e doente, Mané procura um cartório. No cordel, há citações de personagens bíblicas e históricas. Todas são relacionadas a uma exigência do Tabelião para dar entrada na aposentadoria de Mané. São exigidos os nomes, sobrenomes e identidades de Adão e Eva, o nome da cobra que mandou Eva pecar, o registro e currículo de Nabucodonosor, além do nome do vaqueiro de amansou a besta fera. A narrativa mostra que essas imposições são absurdas e representam uma possível crítica, em tom de exagero, à burocracia. Após muitas negativas, Mané desiste de sua aposentadoria. “Cheio de necessidade”, ele sabe que seu destino é viver da caridade alheia.

Bibliografia:

Feira de Versos – Antologia de Cordel
Site da Academia Brasileira de Literatura de Cordel – www.ablc.com.br
Teoria Literária – Hênio Tavares

APOIO CULTURAL:



Orla de Atalaia
www.orladeatalaia.com.br